



Emerson Wiskow

LA REVANCHA DEL TANGO

Inspirado pelo álbum homônimo de **GOTAN PROJECT**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

LA REVANCHA DEL TANGO

EMERSON WISKOW

uma história inspirada por
LA REVANCHA DEL TANGO
GOTAN PROJECT

SÃO PAULO, MARÇO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY EMERSON WISKOW
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

LA REVANCHA DEL TANGO

EMERSON WISKOW

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **MOJO FACTORY**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Queremos paz
2. Época
3. Chunga's revenge
4. Tríptico
5. Santa María (del Buen Ayre)
6. Una música brutal
7. El capitalismo foráneo
8. Last tango in Paris
9. La del ruso
10. Vuelvo al sur

LA REVANCHA DEL TANGO

GOTAN PROJECT

LANÇAMENTO: **2001**
SELO: **XL RECORDINGS**



LA REVANCHA DEL TANGO

EMERSON WISKOW

Foi-me dito por um escritor que conheci: “É só uma dança, mas, afinal de contas, é a única dança.”

William Boyd 7

APARTAMENTO E UM MAÇO DE CIGARROS

Primeiro dia. Sem música, apenas um quase silêncio. Melancolia. A Cidade Fantasma é uma merda. Assim continuará. O maior símbolo da Cidade Fantasma é um avião numa praça morta.

O apartamento é minúsculo e sobre o sofá está um maço de cigarros e o livro *Crazy cook*, de Henry Miller. O galo louco, o pau louco, o cacete louco de Miller. Um tempestuoso triângulo amoroso que leva o escritor ao desespero. Concluí que não gostaria de estar na pele de Henry Miller. Passo a vida evitando mulheres loucas, mas nem sempre consigo.

Lembro de um tango de Astor Piazzolla, de mulheres usando leves vestidos que deixam escapar longas e lindas pernas quando dançam. Lembro das mulheres que não conheci.

Abro a geladeira para pegar uma bebida. Encontro apenas uma garrafa de Coca *Light*. Como Juliana consegue beber isto? Tento beber um gole, desisto, pego o maço de cigarro sobre o sofá e espio a cidade lá fora enquanto a suave brisa da noite lambe meu rosto. Fumo um cigarro enquanto penso nas coisas e tenho vontade de usar um chapéu panamá.

APARTAMENTO NÚMERO 2 E OUTRO MAÇO DE CIGARROS

(Um garoto numa noite solitária e quente)

11h30 da noite.

No banheiro. Um garoto caga, peida e depois ejacula.

Ainda com a bunda suja ele não se agüenta. Sentado no vaso sanitário, folheando uma revista repleta de mulheres nuas esgaçando-se ao máximo. Humberto masturba-se. Elas são loiras, com cabelos lisos, finos e muito claros. Parecem de borracha e sem ossos. As mulheres estampadas nas páginas da revista são lindas, possuem os olhos azuis como ele nunca viu na Cidade Fantasma. Todas tem a pele muito branca. Algumas não possuem pelos, estão completamente lisas, depiladas. Mostram tudo ao máximo. O buraco entre suas pernas lembra um túnel cor de carne.

Depois de ejacular Humberto limpa o pau com papel higiênico, amassa tudo até que tome a forma e o tamanho de uma bola de pingue-pongue. Uma bola de papel e sêmen. Logo após, joga no vaso sanitário e puxa a descarga. Em seguida limpa a bunda, tira um maço de cigarros do bolso e abre a pequena janela do banheiro para fumar escondido. Sua mãe está na sala, solitária, ouve um disco de tango entre suspiros e imagens do seu passado. O garoto dá mais uma tragada no cigarro e, com o corpo leve, lê o título da revista em sua mão, *Suecas depravadas.*

APARTAMENTO NÚMERO 2 E UMA JANELA ABERTA

(Uma mulher numa noite solitária e quente)

11h30 da noite.

Na sala, uma mulher chora, relembra e ouve música.

Ângela está com o peso um pouco acima do ideal. Mesmo assim é atraente. Tem boa bunda, ancas largas e seios fartos. Está com quarenta anos de idade e vive solitária com o filho adolescente. Gosta de tango, sonha em conhecer Buenos Aires e adora usar vestidos. Vive na Cidade Fantasma desde sempre. Ela coloca o disco de tango que escolheu com o olhar vago, suspira e senta-se perto da janela aberta para a noite. Acende um cigarro e sente um grande aperto no peito. Suspira, traga o cigarro e deixa uma lágrima escapar. Relembra as coisas passadas e esquecidas. Tudo vem, um turbilhão de imagens. O amante que a abandonou, o casamento cansando, a separação e finalmente o choro. Ela observa a janela, a noite clara e as luzes vindas das janelas dos outros prédios. Ela provavelmente é a única mulher na Cidade Fantasma que está ouvindo um disco de tango naquele momento, mas certamente não é a única que está chorando.

O filho baixa a bermuda, senta-se no vaso sanitário, abre uma revista pornográfica com fotografias de mulheres suecas se esgaçando. Ele caga, peida e logo após ejacula...

RODA-GIGANTE

Domingo.

Acordo e dou de cara com uma folha de papel ao meu lado. É uma folha A3 e está repleta de esboços feitos na noite anterior. No centro da folha, percebo que também rabisquei uma roda-gigante. Eu nunca havia desenhado uma roda-gigante antes e aquilo me chamou a atenção. São desenhos aleatórios. Sobre o criado-mudo descansam o lápis e a borracha gasta que usei na noite anterior. Desses rabiscos algumas vezes retiro algum material para publicar na revista de quadrinhos *Mundo feio*. Uma publicação independente e desconhecida que edito há dois anos.

Levanto da cama ainda sonolento e zozno, calço os chinelos e vou direto para o banheiro. São quase onze horas da manhã, tiro a roupa e me meto pra baixo do chuveiro. Termino o banho e preparo um rápido café, ligo o aparelho de som e penso no que farei no resto daquele domingo inosso. Enquanto bebo um gole de café, me perco na foto gigante de uma linda modelo vestindo uma lingerie preta, estampada na contracapa do jornal. Do apartamento número dois vem a música “Last tango in Paris”. A música me chama a atenção e penso que eu poderia dançar, mas não sei.

UM PARQUE SEM DIVERSÕES

Ainda domingo.

Os domingos na Cidade Fantasma são tão tristes como um elefante morto. Como um fim de tarde coberto por um céu de chumbo cuspidor um gelado chuveiro, como uma mulher chorando desesperada. Os domingos na Cidade Fantasma são como bosta seca no asfalto fervendo.

Sirvo-me de mais uma xícara de café, o fim da manhã goteja e eu não sei o que fazer no resto do dia. De súbito ouço um carro de som passar anunciando a chegada de um parque de diversões. Entre as atrações está uma roda-gigante. Uma tremenda e espetacular roda-gigante. Não há nada para fazer e ao ouvir o anúncio da roda-gigante, lembro do desenho que fiz na noite anterior. Não acredito em sinais, mas assim mesmo vou lá. O tango continua vindo do apartamento número dois, continua percorrendo os corredores do velho prédio.

Entre 12h e 17h.

Uma estrada deserta. Não, não há nem mesmo uma estrada. Apenas o deserto solitário e cactus secos.

17h01.

Logo que chego ao parque de diversões, observo a roda-gigante. Parece não ter nada demais. É apenas uma roda-gigante. Meu desenho não foi um sinal. Era apenas uma roda... gigante. Mesmo assim resolvo ficar por ali, passar o tempo e

tentar me distrair um pouco. Algumas belas garotas andam de um lado para o outro, sorriem para o nada e se divertem como crianças. Também há um bando de pirralhos em carrosséis, carros-choque e uma variedade de brinquedos entre lâmpadas com suas luzes piscantes.

Enquanto ando pelo parque, vejo Marcos, um cara que mora no mesmo prédio que eu. No mesmo andar, no mesmo corredor com paredes descoloridas que descamam como a pele velha de uma cobra. Ele é um escritor de quarenta e dois anos que publicou apenas um livro de contos lançado por uma pequena editora. O livro vendeu pouco mais que cem exemplares. Agora ele tenta escrever um romance e não tem a mínima idéia se alguém vai publicá-lo. É mais um dos solitários fracassados que vivem no prédio em que moro.

Ele parece concentrado, segura um rifle e aponta em direção aos bonecos numa tenda colorida entulhada de bichos de pelúcia. Ursos, o Pato Donald, o Mickey, o Pernalonga. Todos os personagens de desenho animado parecem estar lá. O escritor aponta o rifle de ar comprimido e dispara. Erra, para, acende um cigarro e dá uma tragada. Depois, mira novamente e dispara. Parece que nunca acertará. Então ele me vê.

— Quer tentar um tiro? — ele pergunta ao me aproximar.

— Acertou algum? — pergunto.

— Esta porra de arma deve ter a mira viciada. Ela puxa para o lado. Quer tentar um tiro?

— Não, obrigado. Não sei atirar.

— Deveria tentar. Sempre tive vontade de fazer isso... como nos filmes. A merda é que aqui em vez de serem patinhos amarelos são essas porras de latas.

Ele dá outros disparos e como num passe de mágica acerta seguidamente as latas. Elas caem e ele ganha um bichinho de pelúcia.

— Vai querer qual? — pergunta o cara da tenda, um senhor de meia idade vestindo uma camiseta florida. A barba por fazer lembrava pequenos troncos negros encravados no rosto gordo.

— Aquele ali.

— O Pernalonga?

— Pode ser.

O escritor pega seu prêmio e me convida para beber uma cerveja. Saímos os dois. Marcos carrega o Pernalonga embaixo do braço.

— Já atirou com uma arma de verdade? — ele pergunta.

— Não, e você?

— Algumas vezes. Mas apenas disparei contra alvos inanimados: latas, placas de beira de estrada, troncos de árvores. Não sou um Hemingway, nunca tive a oportunidade de disparar contra alvos vivos. Animais, homens e, no caso dele, em sua própria cabeça.

Eu sorri. Encontramos um pequeno bar no parque e pedimos cervejas. Sentamos e acendemos nossos cigarros.

— E o romance, como vai indo? Conseguiu terminá-lo? — perguntei.

— Ainda não, parece que nunca conseguirei. Estou travado e a coisa não deslancha. Na verdade eu deveria parar de escrever, mas não consigo. Sei que o livro está lá, a história, mas ela parece como uma linda mulher que se insinua, dança e se esconde. Temos de descobrir suas artimanhas para agarrá-la, e isso é horrível e maravilhoso. A literatura é uma mulher na qual não se pode confiar.

— Não podemos confiar, mas sempre estamos tentando ter alguma no nosso lado.

— É verdade, e acho que aí está a questão. Porque convivo com a tentativa de escrever se não consigo terminar meu romance? E mesmo que termine, será outra luta para publicá-lo. Porque desejo centenas de mulheres se não sou correspondido e não sou um Don Juan? Ah, é melhor nos concentrarmos no parque, na cerveja e nas garotas que desfilam despreocupadamente. Está gostando do parque? — pergunta o escritor.

— Este é um parque sem diversões — respondo.

— E por que veio?

— Por causa de uma roda-gigante.

— E...?!

— E ela que se foda.

TÓQUIO — 2008 D.C. (AGLOMERAÇÃO URBANA: 26.444.000, CIDADE: 8,130.408)

12h02 da noite

Bairro de Shinjuku, Tóquio, Japão.

Maiko observa a cidade do décimo terceiro andar do prédio onde mora há alguns anos. Maiko é uma garota prodígio, mas não sabe disso. Fala e escreve em quatro idiomas, além do japonês. É mestre em arte marcial, usa o cabelo negro num corte logo acima dos ombros macios e reluzentes. Tem apenas dezessete anos de idade e pernas compridas que parecem levar ao céu. Ela olha, observa a tudo com uma expressão perdida. Luzes por todos os lados, de todas as cores, piscando, correndo, aranha-céus que se perdem nas alturas. Maiko lembra do filme *Blade runner* e sorri. Aquilo tudo é ali. Tóquio. Ela vivia ali, naquele lugar, naquela cidade que parecia não existir. Um buraco, um elo, um vazio, um filme de ficção científica. Um encontro do impossível.

Toda vez que Maiko observa a cidade através daquela janela, ela tem a sensação de que surgirá um gigantesco monstro entre os prédios. Um monstro ridículo e assustador, destruindo tudo, como se tudo fosse feito de papelão e isopor. E então, de repente, do céu surgiria entre as nuvens um Ultraman, como nos filmes que ela assistia na TV. Ela torce para que eles apareçam. Os monstros ridículos e, logo após, rasgando o ar como um míssil, Ultraman. O herói que ela assistia na televisão e ficava fascinada.

No seu MP3, Maiko ouve The Boys from Brazil e o seu celular toca.

A MADRUGADA NÃO É MAIS ESCURA QUE O CORAÇÃO DE JULIANA

Olho através da vidraça da janela do meu minúsculo apartamento. Uma madrugada escura como o fundo de um poço estende-se lá fora. Mais uma vez tenho insônia e tento finalizar mais uma página de uma HQ. É uma história em quadrinhos interessante e estou satisfeito. Sinto prazer em desenhá-la e em ver as páginas desenhadas ainda a lápis. Quase me delicio como se observasse o corpo de Juliana deitada de bruços sobre minha cama. Nada é mais belo que vê-la deitada ou andando pela casa vestindo apenas uma linda calcinha. Juliana tem inacreditáveis olhos azuis. Um azul claro como o céu que cobre algum paraíso perdido e repleto de mistérios. Olhos nos quais você sente desejo de mergulhar. São olhos muito limpos e suaves.

Resolvo ligar para ela. Sei que é tarde, mas também sei que a esta hora ela está acordada assistindo algum programa de TV a cabo. O telefone chama quatro vezes e ela finalmente atende.

— Alô.

— Juliana?

— E quem mais poderia ser? — ela diz com uma voz desdenhosa.

— Estava pensando em você e resolvi ligar.

— Seria melhor não ter ligado, seria melhor não ter pensado em mim. Seria ótimo se você me esquecesse assim como eu te esqueci.

Desde de que terminamos — que ela terminou — é assim: eu insisto, ela me

ignora e pisa em mim com pesados coturnos militares.

— Eu sei, mas não consigo evitar de pensar. Talvez nós pudéssemos sair e ir beber uma cerveja nessa noite quente.

— É muito tarde, além do mais não quero sair, nem beber. Muito menos contigo. Pra mim tu não passa de uma nada, um zero, algo que depois de usar se joga fora e nunca mais pega de volta. Sua vida é idiota, seus desenhos são ridículas e só mesmo um homem idiota perde tempo desenhando aquelas coisas ridículas, fazendo aquelas historinhas ridículas que não dão em nada. Me faz um favor, me esquece. Me esquece mesmo. Arruma uma namorada, um cachorro, um periquito, qualquer coisa, mas me esquece. Tchau.

Réquiem

Você chega em casa e lhe traz flores. Pela manhã quando você sai, deixa um belo recado na cabeceira da cama dizendo o quanto você a ama e deseja. Você diz coisas para ela. Talvez até faça planos e não se vê vivendo com outra mulher. Você deseja apenas ela ao seu lado. Ela ainda dorme e você observa seu corpo como se observasse algo divino, perfeito. Um corpo que simplesmente o infla de desejo como se você fosse uma estrela supernova e fosse explodir. E ela, depois de algum tempo, recusa você. Não deseja mais sentir seu esperma em sua boca. Não deseja mais que você entre nela, não deseja seu pau, suas palavras, seus recados. As flores que você lhe traz de presente ela coloca para murchar ao sol que arde lá fora até que sequem completamente e virem pó.

APARTAMENTO NÚMERO 2 — O HOMEM-ARANHA NÃO MORA MAIS AQUI

*“Spider-man, Spider-man, does whatever a spider can,
Spins a web any size catches thieves just like flies,
Look out... here comes the Spider-man
Is he strong? Listen bud; he’s got radioactive blood”.*

Ramones

O garoto do apartamento número dois me diz que vai se mudar. Ele e sua mãe deixarão a cidade para morar em outra.

Ele me diz:

— Cara, a partir de amanhã o Homem-Aranha não mora mais aqui. Seus olhos brilham. — Vamos mudar — completa e sorri.

— Verdade? Uma pena, rapaz. Vou sentir sua falta, ainda te devo um desenho do Homem-Aranha.

— Ah, deixa pra lá! Desde que você fez aquele primeiro desenho do Homem-Aranha, concluí ser você o maior inimigo dele.

— Você tem razão. Meu traço é diferente.

— Você seria um grande vilão. O que acha? Um vilão que tem o poder de desenhar os heróis daquela forma que você faz, e então você poderia destruí-los facilmente.

— Ha ha ha. Grande idéia, garoto! Eu poderia me chamar de “O Cartunista

Louco”, apesar de que nenhum outro vilão bate o Coringa.

— Mas o Coringa é inimigo do Batman. Age em Gotham!

— Eu agiria por aqui mesmo. Bom... boa sorte na nova cidade! Até mais, amigo!

— Até! Ah... peguei uma revista de mulher pelada no seu lixo — disse ele com um leve sorriso.

Eu sorri.

— Eram suecas, garoto. Lembre-se das suecas — eu disse enquanto entrava no meu apartamento.

APARTAMENTO NÚMERO 2 — UM TANGO, NADA MAIS

Ângela tenta, mas não consegue esconder o suspiro profundo. Encaixota os últimos discos, CDs e suas lágrimas. A Cidade Fantasma será uma lembrança nublada, um cuspe perdido no meio da calçada.

A última vez ali, a última vez que ela se olha no espelho grudado na porta do roupeiro. As caixas fechadas. Usa um vestido verde e apalpa os seios, gira um pouco o tronco para observar a bunda farta, firme. Gosta e sorri. Deveria ouvir pela última vez um tango. Sente vontade. Buenos Aires. Cidade Fantasma, cidade de merda. Não perde tempo, ainda tem o CD ali, perto, sobre uma caixa de papelão. Sabe que ouvirá pela última vez ali. Coloca-o no aparelho, acende um cigarro e senta na beira da cama, já pelada. Traga, suspira, deixa a fumaça sair dançando de sua boca. Lábios vermelhos marcam a ponta do cigarro e também a camisa branca de um homem. Ângela lembra de Raul e sua camisa branca. Detesta e ama ser melodramática. Relembra tudo mais uma vez. Relembra, imagina Raul com outra. O sorriso dele despindo outra mulher, suas mãos tocando seu sexo, seus pelos. A boca de Raul percorrendo o corpo da outra. O punhal entra, ela deixa e sente-se como tivesse sufocando, como se tivesse afogando-se e seu pulmão fosse explodir. Ângela gostaria de meter um punhal no peito de Raul, no peito da outra mulher, no peito dos dois. Que o lençol fosse manchado de sangue como o batom vermelho na ponta do cigarro, na camisa de Raul. Que o vermelho não fosse marcas de batom e sim o sangue dos dois

num lençol branco.

Cidade Fantasma nunca mais, ela pensa enquanto gira a chave para trancar a porta do apartamento vazio.

MAIKO — FODA-SE

Não existe mais ninguém. Ninguém. Uma orla gigantesca de pessoas andam frenéticas de um lado para o outro. Parecem seres mutantes, vestem roupas extravagantes, coloridas, uma fantástica mistura de cartuns japoneses andando sob todas aquelas luzes piscantes, os luminosos das fachadas anunciando o novo mundo. Tudo gigantesco, a noite parece o interior de um saco gigante onde milhares de vagalumes coloridos dançam freneticamente. Cabelos roxos, vermelhos, mechas laranjas, cabelos negros e lisos e muito brilhantes. Algumas garotas vestem minissaias curtíssimas e meias de colegiais, outras, calças de couro justíssimas ao corpo. Elas possuem caras e olhos, bocas e sorrisos desgraçadamente safados. No metrô lotado algumas delas curvam-se no vagão para pegarem a mochila e deixam branquíssimas calcinhas brancas surgirem do nada. Tudo programado. Sob os olhares devoradores, elas saem rindo animadamente.

A maioria delas é muito jovem, como Maiko. Maiko se parece com todas elas. Maiko tem grossos lábios e aquele sorriso em que os extremos laterais dos seus lábios pendem suavemente pra baixo. Os olhos negros brilham e ela seduz fazendo cara de menina que esconde um mundo atrás de um rosto de anjo atrevido. Maiko anda nas madrugadas de Tóquio com os olhos cuidadosamente delineados por uma tinta preta provocante. É uma boneca japonesa maquiada e com o coração cheio de espinhos como os galhos de uma roseira perfumada.

Algumas amigas lhe convidam para irem até a boate dançar. Ühli, a norueguesa que trabalha como stripper numa boate freqüentada por executivos e mafiosos, passa o batom nos lábios e depois cheira uma carreira. Pega o aparelho celular e liga para Maiko.

— Maiko, venha pra boate. Hoje aquele chato do qual lhe falei virá. Podemos beber a noite inteira que ele pagará tudo. Como sempre faz.

Numa sala reservada da boate uma bela japonesa muito jovem está deitada sobre uma mesa. Sobre seu corpo nu pousam, cuidadosamente arrumados, uma grande variedade de frutos do mar. Sobre seu sexo totalmente depilado, uma porção de caviar. Ao redor da mesa, velhos e poderosos executivos saboreiam o jantar posto sobre a garota que permanece estática. Um dos homens despeja um pouco de saquê sobre a boca da garota. Ela sorve e não se importa. Sorri e passa a língua nos lábios.

— O cara que vive dizendo que cometerá *harakiri* se você não se casar com ele?

— Ele mesmo. O idiota virá hoje me ver dançar. Depois a mesma história: sentamos com ele, dançamos e ele chora, faz declarações, paga bebida a vontade, paga o jantar e me dá uma boa grana. Não antes de me pedir em casamento.

APARTAMENTO NÚMERO 2

(Apenas um vácuo e baratas rondando)

Noite quente. Alguém assobia uma canção melancólica enquanto passa pela calçada do prédio. É quase meia-noite quando chego. Percorri todo o centro da Cidade Fantasma a pé. Apenas um louco, um mendigo e dois amigos bêbados passaram por mim enquanto andava pela cidade. As noites são solitárias e entediantes aqui. É sempre a sensação de uma sereia te chamando para fundo. Passei por um pequeno puteiro na rua vazia. A luz vermelha na porta era convite. Lá dentro, luzes mortas que parecem se desmanchar. Mais um canto de sereia chamando pro fundo e eu tive vontade de entrar. Duas garotas fumavam na porta, me olharam e sorriram. Por pouco não entrei para beber uma cerveja, mas decidi seguir em frente. Quase no fim da rua me virei e olhei para trás, vi apenas as brasas dos seus cigarros arderem como pequenos olhos quando elas chupavam seus cigarros. São as mulheres da casa amarela, que passam as madrugadas acordadas, que mais conhecem os fantasmas que vagam perdidos pelas calçadas.

Atravesso o corredor do prédio ouvindo meus próprios passos. Por um instante observo a porta do apartamento número dois. Não há mais nada lá, apenas o vácuo e baratas andando enlouquecidas.

UM PARDAL NA CALÇADA

Encontrei um cara que era fã de John Wayne, tinha antebraços que me lembrava o marinheiro Popeye. Era um louco que estava para lançar uma revista em quadrinhos e me convidou a participar com uma história. Prometeu-me boa divulgação e lhe mandei tomar no cu. Conteí a história para Marcos, o escritor, e ele disse estava cheio disso. Divulgação e nada no bolso. Era sempre a mesma coisa, o mesmo papo, você envia a história e eles não querem lhe pagar nada. Apenas dizem que seria bom para divulgar o nome. Que nome? Marcos me confidenciou que agora aproveitava parte de suas madrugadas para garimpar mulheres na Internet. Entrava em salas de bate-papo e esperava que alguém caísse na rede. Ri e perguntei como estava o romance. Ainda estava trabalhando nele e não sabia o que seria depois de escrito. Marcos me trouxe um livro de Charles Bukowski e afirmou que eu iria gostar de lê-lo. Dei uma rápida analisada e guardei o livro. Terminamos de beber nossa cerveja e nos despedimos. O sol ardia, um cão vagabundo atravessou a rua driblando os automóveis, logo após um pardal pousou na calçada, em minha frente. Parei e fiquei observando o passarinho e ele lá, enigmaticamente quieto, calmo, me deu uma estranha sensação. Tinha algo de demasiadamente humano nele. Ele abriu o bico para mim, tive a impressão que o sol explodia através dele. Quem escreveria sobre um pardal? A luz, os raios do sol, algo que não sei ao certo o que era me ofuscou os olhos e o pardal de súbito saiu voando. Bukowski. “Vou ler este cara”, pensei logo em seguida.

MULHER GIGANTE ENTRA NA SALA

Maiko observa por alguns minutos Tóquio lá embaixo. Olha em direção ao horizonte e espera novamente que algum monstro gigante surja por entre os arranha-céus. Ele não vem. Ela suspira e entra na sala de bate-papo. Uma sala do Brasil. Algum brasileiro estará *on-line* e disposto a conversar com uma garota que deseja que um monstro surja e destrua Tóquio? Ela pensa e sorri com seu pensamento.

Mulher Gigante entra na sala.

É uma noite ruim e Maiko está sem paciência.

Mulher Gigante sai da sala.

A Mulher Gigante se desfaz.

Maiko vai dormir e sonha com monstros.

ESCRITOR DE MERDA NUMA NOITE DE SORTE

Marcos é convidado para uma festa. Faz um frio fora de época e ele se encolhe dentro de sua grossa jaqueta enquanto caminha pelas ruas da Cidade Fantasma em direção à festa. Logo ao chegar, entra num estreito corredor do bar que leva ao ambiente que fica a pista de dança e o balcão do bar. No corredor, Marcos é recebido por um cara que parece ter dois metros de altura, lembra Frankenstein. Ele oferece um cigarro de maconha, Marcos agradece e recusa.

O cara lhe dá uma leve olhada e continua escorado na parede. Está muito chapado e mal consegue parar em pé. Marcos se sente um anão vai até o bar pegar uma bebida. Pede uma cerveja e analisa o ambiente, procura alguma fêmea disponível, bêbada, fácil e que tenha um bom corpo. Algumas garotas dançam e logo o bar fica lotado. Mal dá para se movimentar, há muita fumaça, o ambiente está todo mergulhado numa penumbra mormacenta. Uma garota se aproxima e pára ao lado de Marcos. Ele bebe um gole de cerveja, mais homens e mulheres dançam junto a ele, toca uma versão de “Chunga’s revenge”, de Frank Zappa. Grudado no balcão, ele faz sua melhor pose de caubói forasteiro. É um estranho ali e ele tenta encontrar a garota que lhe fez o convite para ir à festa. Uma mulher se aproxima, dança junto a ele, ela segura um copo plástico com cerveja, lhe sorri e pede um cigarro. Enquanto Marcos procura o maço de cigarros no bolso, a garota dança suavemente, ele observa a calça jeans colada em seu corpo, a blusa que deixa sua barriga de fora lhe apresentando um

piercing. Marcos encontra o maço de cigarros, oferece para garota, lhe acende o cigarro e pergunta o nome dela.

— Estela, e o seu?

— Marcos.

Ela sorri e Marcos pensa o que um sorriso pode significar.

O escritor a convida para beberem uma cerveja juntos. Estela aceita e depois de quatro cervejas os dois deixam a festa e Estela aconchega-se no corpo de Marcos enquanto os dois caminham na madrugada fria em direção ao apartamento dele.

Marcos abre a porta do apartamento minúsculo, os dois entram. Ele lhe oferece um café, Estela pede vinho e Marcos diz que não tem. Estela conforma-se com o café e Marcos prepara para os dois.

— O que você faz?

— Sou um escritor.

— Nunca imaginaria isso — ela diz.

— Nem eu.

Os dois riem e Marcos a beija.

Meia hora depois os dois estão na cama. Antes, Estela pede para Marcos colocar uma música. Enquanto Marcos procura algum CD se dá conta que nunca se importou em ter trilha sonora para transar.

Cinco horas da madrugada. Marcos acorda e observa Estela deitada ao seu lado. Sente vontade de fumar, mas não quer sair da cama, começa a pensar nas mulheres que atravessaram a noite nas salas de bate-papo. Sem saber por que também pensa que naquela hora alguma mulher em Tóquio poderia estar observando a cidade do alto de um arranha-céu.

UM TANGO SEM MÚSICA

A noite terminava com um lento suspiro. Imerso no metrô, Carlos observa os velhos prédios de Porto Alegre passarem por ele como imagens fantasmagóricas. Ele volta para a Cidade Fantasma depois de passar uma longa noite na capital, perambulando pelos lugares escondidos. Juliana perturba seu pensamento, ele vê o cais do porto e seus velhos cargueiros ancorados como monstros gigantescos adormecidos. Uma breve história em quadrinhos surge em sua cabeça, ele pensa que, talvez um dia, poderá fazê-la. O metrô serpenteia a cidade, logo chegará na Cidade Fantasma e então Juliana surge novamente tomando conta de tudo, apagando os poucos passageiros que estão no vagão do metrô, as imagens que correm lá fora, apagando suas idéias. Juliana é como se fosse toda a divisão Panzer alemã invadindo fronteiras, amassando, passando por cima dele. Não havia como resistir, apenas entregar-se. Era mais forte que ele. Moisés de joelhos, chorando em frente ao mar que se negava a abrir-se para sua passagem.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br